



JORNAL DA FEDERAÇÃO

Publicação da Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

Brasília, DF, maio/junho de 2005 - Ano 19 - nº 90

Brasil: país dos paradoxos

Mesmo sendo celeiro de ícones da literatura como Machado de Assis, José de Alencar, Rachel de Queiroz, entre outros, o Brasil ainda é um país de não-leitores.

Pág. 3

Entrevista



Diretor-Presidente da Embrapa, Silvio Crestana, opina sobre os projetos de melhoria da qualidade de vida da Empresa e revela alguns planos para tornar a comunicação interna mais efetiva.

Pág. 7

Ponto de Vista



Deputado Augusto Carvalho (PPS/DF) fala sobre proliferação da corrupção no Brasil e no mundo.

Pág. 6

AEE na Mata Atlântica

Fotos: Cleison Emídio de Sousa



Salto Morato
Parque O Boticário

Associação de Ponta Grossa realizou no início de junho passado, mês de seu aniversário, um tour ecológico de dois dias, por boa parte do litoral paranaense. Confira!

Pág. 5



Ponte São João (Ligação entre Curitiba e Litoral).



FAEE

Visite o novo site da FAEF e acesse o *Jornal da Federação* (www.faeef.org.br).

EDITORIAL



Desde os primórdios da humanidade, o homem vem buscando unir-se a seus pares de maneira amistosa. As relações harmônicas de convivência têm sido a meta de todos os povos, que se valem dos mais diferentes recursos para alcançá-las

Segundo Albert Einstein, “a criatividade

de é mais importante que a inteligência”, e, por conseguinte, vale lembrar que não há criatividade e inteligência sem memória, refúgio de toda e qualquer informação absorvida.

Diante disso, podemos pensar o quanto é importante e próspero a uma empresa a valorização de sua comunicação interna, de maneira que haja interação entre todos que a compõem, possibilitando que os conhecimentos individuais sejam exteriorizados, elevando o grau de satisfação pessoal de todos, e beneficiando diretamente o andamento da Instituição.

Um ambiente de trabalho onde todos se comunicam – chefes e empregados – de maneira respeitosa e harmônica, no mínimo torna-se um lugar prazeroso aos indivíduos que ali labutam.

A FAEE, ao longo de seus 21 anos de existência, vem trabalhando justamente no intuito de atenuar a distância das relações entre os associados, dependentes, funcionários e empregados da Embrapa, e por meio da promoção de encontros regionais, nacionais, eventos de lazer, arte, cultura, etc., os frutos desse trabalho vêm se tornando cada vez mais evidentes.

A Federação acredita que não há prosperidade sem união, e uma convivência salutar entre membros de determinada Instituição é um pré-requisito básico para a ascensão da mesma, pois uma empresa nada mais é que a junção de idéias e execução das mesmas por parte de seus empregados, e valorizar e investir em cada indivíduo nela presente é, paralelamente, valorizar e investir nela própria.

Manoel Pessoa Filho
Presidente da FAEE
diretoria@faee.org.br

EXPEDIENTE

Diretoria

Presidente: Manoel Pessoa Filho
Vice-Presidente: Ismael Ferreira Graciano
Diretores: Rosângela dos Reis Guimarães
Eurenice Neves de Oliveira
Luiz Gonzaga Querino Aragão

Conselho Fiscal

Titulares:
Marcos Antônio de Freitas (AEE/CNPGL)
Gilmar Chaves Alves (AEE/Pelotas)
José Ribamar Santos (AEE/Pará)

Suplentes:

Antonio Aldaberto de Brito (AEE/CNPA)
Dina Haluco Tamashiro (AEE/CNPGC)
João Ronaldo NOVACHINSKI (AEE/Dourados)

Presidentes das AEEs:

AEE/DF - Paulo César Rodrigues Vieira
AEE/Hortaliças - Antônio Olímpio dos Santos
AEE/Cerrados - Gelson Aurélio Minela
AEE/CENARGEN - Ednalva da Silva Nascimento
AEE/Arroz e Feijão - Stênio Teodoro Napoleão

AEE/CNPGC - Dina Haluco Tamasiro
AEE/Pantanal - Oslain Domingos Brancos
AEE/Dourados - Fatimo Colman Batista
AEE/CNPAB - Roberto Silva de Oliveira
AEPARJ - Sérgio Trabali Camargo Filho
AEE/RC - Márcia Regina Grandorff
AEE/GL - Êder Sebastião dos Reis
AEE/CNPMS - Antônio Lucas de Lima
AEE/CTAA - Adriana Paula da Silva Minguita
AEE/São Carlos - César Antônio Cordeiro
AEE/Santa Mônica - Sidney dos Santos
AEE/CNPS - Sérgio Gomes
AEE/CNPNTIA - Laurimar Gonçalves Vendrusculo
AEE/CNPMPF - Maria da Conceição P. B. Santos
AEE/CNPA - Sérgio Cobel da Silva
AEE/Parnaíba - Francisco Diassis C. da Silva
AEE/CNPC - Expedito Barbosa
AEE/Fortaleza - Maria de Nazaré F. Magalhães
AEE/Sergipe - Maria Adélia da C. Messias
AESA - Crisostomo de Albuquerque Júnior

AEE/RN - José Roque Sobrinho
AEE/Teresina - Raimundo B. de Araújo Neto
AEE/Acre - John Lennon Mesquita Catão
AEE/Roraima - Rita de Cássia Pompeu de Sousa
AEE/Rondônia - Rogério Sebastião C. da Costa
AEE/Amapá - Carlos Alberto Monte V. Pinheiro
AEE/Amazonas - Antônio Sabino Neto
AEE/Oeste Paraense - Nivaldo N. de Carvalho
AEE/Pará - José Ribamar Santos
AEE/Bento Gonçalves - Nélon José Provenzi
AEE/Florestal - Solange Cristina Bergamo
AEE/Pelotas - Gilmar Chaves Alves
AEE/Bagé - Ana Adelaide Jardim Barcelos
AEE/CNPSO - Édio Luiz Klein
AEE/CNPSo - Rubens José Campo
AEE/Passo Fundo - Orozimbo Silveira Carvalho
AEE/Transferência de Tecnologia - Ponta Grossa
- Cleison Emidio de Souza

Federação das Associações dos Empregados da Embrapa
Sede: Edifício FAEE - SHCG/Norte 714/715 Bloco “B”
Loja 12 / Parte Sobreloja - Asa Norte - Brasília - DF
CEP: 70760-780
Fone: (0xx61) 3347-3590
Fax: (0xx61) 3273-7150
E-mail: secretaria@faee.org.br
Homepage: www.faae.org.br
Jornalista Responsável: Raquel Siqueira de Lemos
MTb 2241/DF - E-mail: raquel@sct.embrapa.br
Jornal da Federação é uma publicação da FAEE.
Artigos assinados são de responsabilidade dos autores, não significando concordância da publicação ou da entidade com o seu conteúdo.
Redação: Raquel Siqueira de Lemos e Rafael Sabino (Estagiário)
Edição e Revisão de Texto: Raquel Siqueira de Lemos
Editoração Eletrônica: Hilton Pereira Sant’Ana
Impressão e Acabamento: Editora e Encadernadora Brilho Solar
Tiragem: 5 mil exemplares

País que não lê é país que não cresce

Quer saber do conhecimento de um homem, busque pois saber quantos livros ele leu. Não há conhecimento sem leitura, assim como não há peixes



sem água, vida sem ar, entre outras diversas relações alicerçadas na reciprocidade da interdependência.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Japão encontrava-se em caos quase total. O país praticamente foi dizimado com os ataques norte-americanos, além das mortíferas bombas atômicas que devastaram Hiroshima e Nagasaki. Sucedendo-se a tais desastres, o governo japonês decidiu reconstruir e reestruturar a terra do sol nascente, na qual iniciou uma das mais difíceis batalhas por ela enfrentada até então: a batalha do renascimento de uma nação.

Atualmente, o Japão é uma das maiores potên-

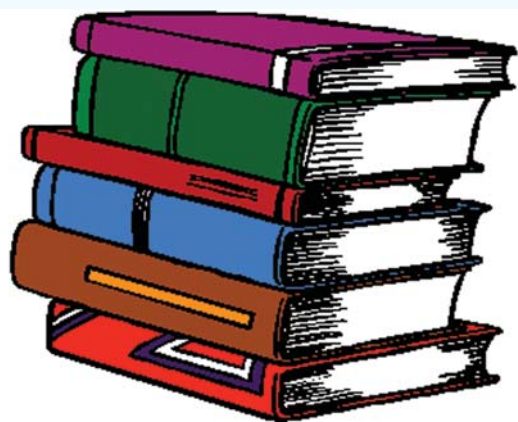
cias mundiais, e não obstante ter quase expirado frente aos incidentes de outrora, o é pela forma com que se organizou para superar suas dificuldades, destinando mais da metade de toda sua renda, desde sua queda, à política educacional do país, que tem uma peculiaridade única no mundo: nela é obrigatória a todos os cidadãos japoneses a conclusão do ensino médio – no qual estão inerentes três idiomas: inglês; espanhol ou francês; e japonês.

No Brasil, a educação nunca esteve tão precária, e o índice de leitura tão baixo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em países desenvolvidos como a França, por exemplo, a média anual de livros lidos é de sete a oito por pessoa, enquanto no Brasil esse número não passa de um.

Segundo Milton Mira – colunista da *Gazeta Mercantil*, em texto publicado em dezembro de 2004 –, “se a queda do analfabetismo for nesse ritmo, nem em 20 anos será erradicado. No item relativo à educação, a pesquisa Indica-

dores de Desenvolvimento Sustentável, do IBGE, recém-divulgada, apresenta cenário preocupante quanto à alfabetização, que avançou de 82,8%, em 1992, para 88,2%, em 2002. Isso significa que cerca de 12% dos brasileiros jovens e adultos continuam analfabetos, e, os números não incluem o chamado analfabetismo funcional, cujo índice torna o problema ainda mais grave”, afirma.

Em dados do IBGE, do fim de 2004, consta que a média das vendas de livros no Brasil oscilou demasiadamente. Em 1992, por exemplo, o País atingiu a marca de 159,67 milhões de exemplares vendidos. Seis anos mais tarde esse número passou 410,33 milhões, caindo em 2003 para



255,83 milhões, mesma marca atingida em 1993.

Segundo essa mesma fonte, “metade dos livros li-

dos atualmente no Brasil não são comprados”. Eis que surge então a internet, adentrando no mérito da situação, visando facilitar – e de forma mais econômica – o hábito da leitura. O problema é que menos de 10% da população brasileira tem acesso a tal benefício, e menos que isso é o número de pessoas que tem a oportunidade de ingressar no ensino superior no País, tendo um contato mais direto com o conhecimento erudito, o que conseqüentemente incentiva e exige a prática da leitura como hábito cotidiano.

Reformular os alicerces da Educação no Brasil é a melhor forma de erradicar a penumbra mórbida na qual a educação nacional padece. Não há caminho mais curto para se alcançar um índice mais baixo de analfabetismo e mais elevado de intelecto literário por parte dos brasileiros, tendo em vista que a leitura não é um hábito nato, senão uma necessidade que pode ou não se tornar um hobby, dependendo da intensidade da prática da mesma, o que a tornará habitual ou não.

Rafael Sabino

Estagiário de Jornalismo

QUESTÃO DE SAÚDE

A arte de não adoecer

Se não quiser adoecer – “Fale de seus sentimentos”. Emoções e sentimentos que são escondidos, reprimidos, acabam em doenças como: gastrite, úlcera, dores lombares, dor na coluna. Com o tempo a repressão dos sentimentos degenera até em câncer. Então, vamos desabafar, confidenciar, partilhar nossa intimidade, nossos segredos, nossos pecados. O diálogo, a fala, a palavra, é um poderoso remédio e excelente terapia.

Se não quiser adoecer – “Tome decisão”. A pessoa indecisa permanece na dúvida, na ansiedade, na angústia. A indecisão acumula problemas, preocupações, agressões. A história humana é feita de decisões. Para decidir, é preciso saber renunciar, saber perder van-

tagem e valores para ganhar outros. As pessoas indecisas são vítimas de doenças nervosas, gástricas e problemas de pele.

Se não quiser adoecer – “Busque soluções”. Pessoas negativas não enxergam soluções e aumentam os problemas. Preferem a lamentação, a murmuração, o pessimismo. Melhor é acender o fósforo que lamentar a escuridão. Pequena é a abelha, mas produz o que de mais doce existe. Somos o que pensamos. O pensamento negativo gera energia negativa que se transforma em doença.

Se não quiser adoecer – “Não viva de aparências”. Quem esconde a realidade finge, faz

pose, quer sempre dar a impressão que está bem, quer mostrar-se perfeito, bonzinho, etc., está acumulando toneladas de peso... uma estátua de bronze, mas com pés de barro. Nada pior para a saúde que viver de aparências e fachadas. São pessoas com muito verniz e pouca raiz. Seu destino é a farmácia, o hospital, a dor.

Se não quiser adoecer – “Aceite-se”. A rejeição de si próprio, a ausência de auto-estima fazem com que sejamos algozes de nós mesmos. Ser eu mesmo é o núcleo de uma vida saudável. Os que não se aceitam são invejosos, ciumentos, imitadores, competitivos, destruidores. Aceitar-se, aceitar ser aceito, aceitar as críti-

cas é sabedoria, bom senso e terapia.

Se não quiser adoecer – “Confie”. Quem não confia, não se comunica, não se abre, não se relaciona, não cria liames profundos, não sabe fazer amizades verdadeiras. Sem confiança, não há relacionamento.

A desconfiança é falta de fé em si, nos outros e em Deus.

Se não quiser adoecer – “Não viva sempre triste”. O bom humor, a risada, o lazer, a alegria recuperam a saúde e trazem vida longa. A pessoa alegre tem o dom de alegrar o ambiente em que vive. O bom humor nos salva das mãos do doutor. Alegria é saúde e terapia.

Dráuzio Varella
Médico

PARA MEDITAR

Vida

Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la.

Sonhe com aquilo que você quiser. Vá para onde você queira ir. Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só temos uma chance

de fazer aquilo que queremos.

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce, dificuldades para fazê-la forte, tristeza para fazê-la humana, e esperança suficiente para fazê-la feliz.

As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas; elas sabem fazer o melhor das oportunidades que aparecem

em seus caminhos.

A felicidade aparece para aqueles que choram, para aqueles que se machucam, para aqueles que buscam e tentam sempre, e para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que passam por suas vidas.

O futuro mais brilhante é baseado num passado inten-

samente vivido. Você só terá sucesso na vida quando perdoar os erros e as decepções do passado.

A vida é curta, mas as emoções que podemos deixar duram uma eternidade. A vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre.

Clarice Lispector
Escritora

AEEs EM PAUTA

Tamanho não é documento, trabalho, sim

A história da fundação da AEE/SNT - Ponta Grossa tem uma peculiaridade no mínimo inusitada. Divergente da maioria das Associações espalhadas pelo Brasil, ela foi idealizada não apenas por uma, duas ou três



Fotos: Cleison Emídio de Sousa

personas, mas por um grupo bem maior.

Tudo começou no ano de 1990, na antiga Embrapa Sementes Básicas - Ponta Grossa, quando seus empregados, impulsionados por um unânime anseio de fundar uma instituição que proporcionasse maior qualidade de vida e integração entre os mesmos, criaram sua própria associação.

Em 1º de junho de 1997, em virtude do enorme sucesso da

instituição, resolveram oficializá-la, de maneira que essa regularização serviu para ela como um importante cartão de visita para a entrada à FAEE, que dali em diante passou a viabilizar recursos à mais nova Associação do Sul, a AEE/Transferência de Tecnologia - Ponta Grossa. E assim iniciou-se a história desta Associação.

A AEE de Ponta Grossa é um notável exemplo de que idade e tamanho nem sempre são fatores de demasiada influência, uma vez que, nova e composta por apenas 20 associados, ainda assim permanece proporcionando a seus funcionários, sócios e dependentes todos os benefícios que as demais Associações oferecem em suas respectivas regiões, participando inclusive de seu primeiro encontro regional, o Embrapa Sul, em outubro próximo.

Segundo o atual presidente, Cleison Emídio de Sousa, a estrutura física e econômica da Associação é excelente, não só devido às boas administrações, mas também à cooperação de seus funcionários, associados e dependentes.

De acordo com Emídio há duas grandes realizações da AEE/SNT - Ponta Grossa das quais ele muito se orgulha: uma delas é a construção do restaurante próprio, que possibilitou considerável comodidade a seus associados, uma vez que muitos se deslocavam até 25 km às suas residências em horário de almoço por não terem onde fazer as refeições; a outra é o constante turismo que a mesma promove a seus funcionários, sócios e dependentes.

O último tour levou um grupo formado por 41 pessoas a boa parte da Mata Atlântica do litoral do Paraná.

Cleison afirma estar contente no comando da Instituição: "As pessoas que trabalham e trabalharam na AEE - Ponta Grossa têm muito carinho pela Empresa, pois é a materialização de uma conquista, e trabalhar com elas é muito gratificante".

Emídio acredita que a AEE/Transferência de Tecnologia tem sido indispensável à formação de

novos vínculos de amizade entre diversas outras Associações, além de proporcionar lazer, cultura e outras diversas atividades que muito somam à qualidade de vida de seus funcionários, empregados e dependentes. E mais: apesar de a AEE de Ponta Grossa estar respirando ares tranquilos, há planos por parte da administração para melhorar ainda



Visita ao Parque O Boticário

mais suas atividades promovidas e a estrutura como um todo, de maneira a ampliar o índice de satisfação e as melhorias na vida de cada um que faz parte da família de Ponta Grossa, como assim é considerada a Associação de lá.

Gramado cor-de-rosa

Em abril de 2003, Eurenice Neves de Oliveira, a "Nice", empregada da Embrapa há 15 anos, criou o



Foto: Rafael Sabino

time de futebol society feminino da AEE/Sede, cujo propósito somente era de lazer e integração entre empregadas, estagiárias e dependentes. A diversão tornou-se séria após a equipe ter disputado seu primeiro torneio naquele mesmo ano (Encontro Regional Centro-Oeste/Pantanal, MT) e conseguido a façanha de chegar às semifinais, o que motivou o grupo à conquista do primeiro campeonato

(Encontro Regional Centro-Oeste/Caldas Novas, GO) em 2004.

Antônio Vieira Lima, o "Toninho", empregado da Embrapa há 27 anos, treina o grupo desde sua criação e, segundo ele, "o time evoluiu bastante. No começo era apenas um hobby, mas, com a inclusão da modalidade nos jogos inter-regionais da Embrapa e possivelmente no Embrapa Brasil, percebemos que uma maior dedicação seria salutar. Daí tornamos freqüentes os trei-

nos e os frutos desse empenho mútuo não param de vir", comenta o treinador.

O time permanece treinando, agora visando ao próximo Encontro Regional Centro-Oeste, que acontecerá em Bonito, MS, de 14 a 20 de agosto. Sua atual formação conta com: Marília, Suzy, Cris, Bárbara, Adriana Flaviane, Carla, Carol, Lucilene, Karine, Cássia, Tayrah, Keila, Tâmara, Iraci, Dayane, Janice e Denise.

PONTO DE VISTA

Como combater a corrupção?



Augusto Carvalho

No 1º Salão Nacional de Humor sobre o Controle dos Gastos Públicos, promovido pela União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), fez sucesso uma charge, do brasiliense Joanfi, curiosa e irreverente. Nela, enquanto Deus criava o mundo em apenas 7 dias, o diabo alegrava-se, pois, sendo a obra prioritária e emergencial, não haveria licitação.

É certo que a corrupção não teve origem na criação do mundo, mas, que é secular e universal, não se discute. Provavelmente existe desde que surgiram a moeda, o comércio, os impostos, a burocracia e as eleições.

O fenômeno é mundial. Com o colapso da União Soviética, confirmou-se o que já se suspeitava em termos de corrupção nos regimes comunistas. Recentemente, o caso Enron, nos EUA, mostrou que o vírus está ativo na “meca” do capitalismo. As sociedades japonesa e coreana também não escapam dessa praga, embora alguns corruptos orientais já escapem do haraquiri. A monarquia também não é imune. No Reino Unido, nos anos 90, membros do Parlamento cobravam para defender interesses privados. Algo como um “mensalão” britânico...

O Banco Mundial estima que, por ano, US\$ 1 trilhão, em todo o mundo, sejam destinados aos larápios de colarinhos brancos e de bolsos enormes. De acordo com a ONG “Transparência Internacional”, o Brasil está entre os países com

maior incidência de corrupção no mundo, especialmente no setor público.

A questão crucial, com a qual mais uma vez nos deparamos, é a seguinte: como combater a corrupção?

Estou certo de que precisamos de ações permanentes, explícitas, dos três Poderes, tanto no sentido da prevenção como da repressão.

Preventivamente, várias medidas são plausíveis e eficazes, como a transparência dos gastos públicos nos três níveis da administração federal, estadual e municipal; a redução da burocracia governamental; a maior ocupação dos cargos comissionados por funcionários de carreira; o fortalecimento dos órgãos de controle interno e externo; a limitação e a fiscalização dos financiamentos das campanhas eleitorais; a disponibilização automática dos sigilos bancário, fiscal e patrimonial dos homens públicos; etc. Sigilo é algo que os administradores públicos honestos não precisam, enquanto os desonestos não merecem.

A repressão da corrupção exige o aperfeiçoamento das ações policiais e judiciais, que precisam ser isentas e ágeis.

É lamentável observar que do total de multas e condenações aplicadas pelo Tribunal de Contas da União (TCU), nos últimos 5 anos, no valor de R\$ 2,3 bilhões, apenas 2% ou 3% por cento foi recuperado. A estrutura insuficiente da Advocacia Geral da União (AGU), a morosidade da Justiça e os entraves da própria legislação – que permite sucessivos recursos aos condenados – são as causas principais do fracasso dessa cobrança. Quando o responsável pelo desvio é encontrado, geralmente o dinheiro roubado já sumiu.

É também deprimente observar que em 741 auditorias realizadas pela Controladoria Geral da União (CGU), nos últimos 2 anos, em municípios escolhidos aleatoriamente, foram descobertas irregularidades em aproximadamente 90% dessas localidades.

Mesmo com a reconhecida evolução, especialmente da Polícia Federal, as quadrilhas continuam se aperfeiçoando. As “propinas” não são depositadas diretamente nas contas bancárias dos corruptos, os quais, inclusive, costumam, quando flagrados, disponibilizar os seus sigilos. As “propinas” viajam por dezenas de contas bancárias, no País e no exterior, até chegarem aos paraísos fiscais, muitos dos quais sequer signatários de acordos internacionais anticorrupção. É portanto extremamente complexo o rastreamento dessas

“propinas”, até porque depende das quebras sucessivas de sigilos bancários, muitas vezes não autorizadas judicialmente por ferirem direitos individuais. O aprimoramento da “inteligência”, policial e judicial, e os novos acordos de cooperação internacional específicos são, assim, indispensáveis para que se reprima a corrupção.

Desta forma, é louvável que o Brasil esteja sediando neste ano importantes eventos internacionais como a Convenção da ONU de Combate à Corrupção e o Quarto Fórum Global de Combate à Corrupção. Tais eventos, amplamente difundidos, fortalecem a consciência nacional sobre a importância de se fiscalizar os caminhos e os descaminhos do dinheiro público. É paradoxal, porém, que esses eventos estejam sendo realizados em nosso país no momento em que proliferam denúncias de corrupção no Executivo e no Legislativo.

O aspecto positivo do afloramento de todas essas denúncias que ora temos observado é a evidente repulsa da sociedade brasileira em relação a essa prática nociva. Da intolerância e da indignação nasce a consciência de que os homens de bem precisam ter a determinação e a audácia dos canalhas, para que possamos banir uma minoria que assalta os cofres públicos e afronta a cidadania.

Augusto Carvalho é
Deputado Distrital pelo
PPS/DF.



ENTREVISTA

A união faz a força



Arquivo ACS



Silvio Crestana
Presidente da Embrapa

O excesso é maléfico na maioria dos casos, e não é diferente no mercado de trabalho, no qual a burocrática hierarquização – em demasia – do sistema trabalhista vem sendo uma das grandes fontes de incomunicabilidade e desinteração entre constituintes de uma empresa.

É indispensável à prosperidade de qualquer instituição a convivência harmônica entre as pessoas que a compõem, independente da posição hierárquica à qual cada uma ocupa.

Sabedora disso, há algum tempo a Embrapa vem analisando tanto a relação dos funcionários entre si quanto a das chefias com os mesmos e vice-versa, visando buscar soluções para uma maior comunicabilidade entre todos, obtendo assim uma convivência ainda mais salutar no âmbito interno da Empresa, que, conseqüentemente, refletirá de modo direto nos frutos dos diversos trabalhos por ela realizados.

Daí o apoio à Federação das Associações dos Empregados da Embrapa (FAEE), que há 21 anos vem geren-

ciando as mais de 40 AEEs espalhadas pelo Brasil, uma parceria com a função primeira de proporcionar melhor qualidade de vida a seus associados e dependentes, com promoção de arte, cultura e lazer, com encontros regionais e nacionais, além de convênios de saúde, seguro de vida, entre outros.

Em entrevista ao *Jornal da Federação*, o diretor-presidente da Embrapa, Silvio Crestana, fala sobre a relação de convivência entre empregados da Embrapa.

Jornal da Federação – Como o Senhor vê a comunicação interna da Embrapa?

Silvio Crestana – Muito frágil e aquém do que necessitamos. É uma área na qual temos de investir bastante. Temos planos de criar, em parceria com a Assessoria de Comunicação Social e o Setor de Relações Humanas, uma coordenação dedicada à comunicação interna da Empresa, de maneira que melhore a comunicabilidade entre os trabalhadores, pois esse é um problema que diz respeito aos empregados, chefes e todos que fazem a Instituição, e se há nessa relação harmonia e interatividade, tanto trabalhadores quanto Instituição beneficiam-se.

JF – Qual a opinião do senhor a respeito da convivência entre os trabalhadores da Embrapa dentro da empresa?

SC – É boa, mas pode melhorar. Uma Instituição não é algo

separado de seus empregados. Pelo contrário, uma empresa é constituída de seus funcionários, e quando há uma convivência salutar entre seus componentes é bastante positivo.

A produtividade de um empregado satisfeito com seu local de trabalho é bem maior que a daquele que não está feliz onde trabalha.

Portanto, a Embrapa tem atualmente como uma de suas metas principais: aumentar ainda mais a qualidade da convivência interna entre seus funcionários, especialmente apoiando os projetos sociais internos.

JF – Como o senhor qualifica os projetos sociais internos da Embrapa, tais como o Arte e Cidadania, a Semana da Qualidade de Vida, entre outros?

SC – Vejo-os como muito positivos, como prioridades na Empresa, uma vez que eles proporcionam aos participantes maior qualidade de vida por meio de cultura, lazer, arte, etc., além da interação entre todos, o que é indispensável e de grande valia.

JF – O que a Embrapa tem feito e pretende fazer quanto ao apoio a tais projetos?

SC – Os empregados é que fazem da Empresa e dos projetos por ela elaborados um su-

cesso ou não. O que a Embrapa tem feito e pretende continuar fazendo é apoiar todas as manifestações socioculturais internas possíveis, mas ainda percebe-se uma participação tímida de boa parte dos trabalhadores da Instituição. Pensando nisso, foi solicitado um projeto de cultura à Embrapa, o qual englobe esporte, contos, textos, poesias, pintura, música, teatro, enfim, manifestações artísticas diversas, possibilitando maior mobilização por parte dos empregados da Empresa, uma vez que há um leque enorme de opções a todo tipo de predileção.

JF – Como o senhor vê o trabalho da FAEE?

SC – Vejo o trabalho da Federação como bastante

positivo e desejável, mas, apesar de seu notável esforço, percebo – como dito anteriormente – uma participação ainda sutil por parte de muitos empregados da Embrapa.

Penso a FAEE como grande colaboradora no que diz respeito à maior qualidade de vida dos trabalhadores da Embrapa, e estaremos sempre prontos a ajudar na medida do possível, lembrando que não basta a existência de projetos sociais se não houver participação efetiva de todos.

“A relação empregado-chefe deve ser, acima de tudo, respeitosa e harmônica, de maneira que haja comunicação efetiva entre ambas as partes, uma espécie de via de mão dupla, onde os dois lados ouvem e falam.”

PASSATEMPO

CRUZADAS

Aqueles que fizeram votos religiosos	Poemas épicos de Homero no qual o filme "Tróia" foi baseado	Mau, em inglês	Antíbio anuro de pele rugosa	Organização para a Libertação da Palestina (sigla)	Prenome do ex-vocalista do Queen	Fazer grande estrondo
Guloseima comum em parques de diversão		Animal do Artico				Atriz de "A Dona da História"
Local de trabalho do es-tivador	Átomo carregado de elétrons	Doutora (abrev.)			Gigante caçador (MIL)	O (?): aquele que se acha o maioral
Contribuir de graça em campanhas beneficentes		Cansaço; fadiga	Local onde vive a tribo indígena	Considera a Caaba o lugar mais sagrado da Terra	(?) - rolhas; abre garrafas de vinho	
Segredo contado em confiança	Uma das naus de Colombo (Hist.)	A fêmea do Rei dos Animais	L E O A			Cercada por águas
Inicia-se com o pôr-do-sol, nos calendários muçulmano e hebraico		Associação de ténistas		Afonso (?): criou uma lei contra a discriminação racial		
		A casa de habitação (fig.)			Tudo, em inglês	
					Boxe	
Exercício executado pelo cavalo na prova de obstáculos	Ave mutualista ao boi (bras.)		Ponto de saque no jogo de vôlei	Seu patrono é Alberto Eduardo Gomes (sigla)	Título de altos funcionários otomanos	
		(?) Machado, romancista brasileiro				
Fazer a refeição da noite		O útero, por seu interior		Vitamina eficaz contra a arteriosclerose		50, em algarismos romanos
Respeito por si próprio						

3/ace - all - bad - bel - 4/trad - 5/morsa - ónon - BANCO

A	C	E	I	N	S	T
U	E	A	R	A	A	E
T	A	R	P	L	A	S
O	R	A	A	I	A	T
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T	A	R	A	A	A	S
E	A	R	A	A	A	E
S	A	R	A	A	A	E
T	A	R	A	A	A	E
O	R	A	A	A	A	E
I	C	E	A	R	A	E
T						